

Um Clássico Saboroso e Oportuno

Marthe Robert, *A Revolução Psicanalítica*,

São Paulo, Ed. Perspectiva, 1992.

Este livro é daqueles que cativam a atenção do leitor e o incitam a uma leitura de-uma-sentada-só. No entanto, é impossível lê-lo dessa forma. Denso, articulado, recorrente, a cada momento nos impele a parar neste ou naquele detalhe, confirmar noutra fonte uma informação, voltar àquela página onde... como um prato requintado, exige e merece uma degustação cuidadosa e atenta.

Boa parte deste efeito deve ser creditado à maneira como a autora constrói sua narrativa: apresentando os conceitos da doutrina da forma em que se gestaram, em estreita relação com os acontecimentos da vida de Freud e do movimento psicanalítico. Não apenas como conceitos teóricos "desencarnados", nem tampouco como decorrências — mesmo se complexas — dos ensinamentos da clínica, como às vezes se afirma de modo simplificador. Isto sim, porém muito mais. Vemos a teoria nutrindo-se do solo cultural de uma época, das especificidades da formação pessoal de Freud, dos seus fantasmas e obsessões, das polêmicas, dúvidas e divisões dentro do movimento psicanalítico.

Acresce que a história da psicanálise não é habitualmente matéria de estudo sistemático nem de problematização na formação dos analistas em nosso meio; as razões para tanto, que não devem ser poucas nem de pouca importância, não poderiam ser interrogadas nesta resenha.

Sob este prisma "histórico", *A Revolução Psicanalítica* não se propõe a nos fornecer primícias, nem pesquisas que primem pela novidade. Pela finalidade para a qual foi redigido (uma seqüência

de transmissões radiofônicas), é forçosamente conciso e abrangente da totalidade do corpus doutrinário. O que, longe de ser uma limitação, constitui provavelmente seu maior mérito. Não podendo ser obra de aprofundamento, nem privilegiar um aspecto ou articulação determinado em detrimento de outros, oferece-nos um belo painel da psicanálise como um todo. A consequência imediata resulta assim em uma distribuição uniforme da luz pelos conceitos mais importantes, facilitando ao leitor o trabalho de atentar para o bosque sem perder de vista as árvores, e vice-versa.

Assim, por exemplo, lucrarmos ao saber mais um pouco sobre a história da idéia da bissexualidade, que Fliess abraçara calorosamente e passara com entusiasmo para Freud. Este não a aceitou de imediato; mas, posteriormente, acreditou ser ela da sua própria lavra. E, mais adiante, isto acabou lhe rendendo uma acusação pública de plágio e um profundo aborrecimento. (págs. 135-136)

Para além de seu caráter pitoresco, estas anedotas nos ajudam a situar e compreender melhor a gênese e o destino desse conceito, sempre impreciso na teoria, mas do qual Freud nunca abriu mão, embora explicitasse também seu pesar pela relativa obscuridade que o cercava.

Outro exemplo: podemos constatar as ressalvas que Freud manteve sempre, com respeito à possibilidade da análise com

crianças:

"O extraordinário desenvolvimento da análise infantil e de todas as técnicas de psicoterapia que nela se inspiraram demonstrou que, pelo menos uma vez, a perspicácia habitual de Freud falhou em um ponto importante. (...) O fato é que Freud deu durante toda a vida provas de singular reserva em face deste domínio de investigação. (...) Dificilmente a vocação e carreira brilhantes da filha Anna lhe permitiram atenuá-la." (pág. 166)

Sabemos que, subjacentes a esta constatação, se agitam uma série de temas polêmicos: fase fálica e especialmente sua incidência na sexualidade feminina; o complexo de castração (se trata do pênis, do seio, do nascimento, ou de nada disso e de tudo isso ao mesmo tempo?); o Édipo precoce da escola inglesa; e até mesmo o papel do complexo edipiano na psicopatologia freudiana.

Outras duas passagens concretizam admiravelmente esse entrelaçamento entre circunstâncias históricas, impasses clínicos, discussões teóricas e reviravoltas doutrinárias. Em primeiro lugar, a dedicada ao narcisismo, cuja introdução enquanto conceito, profundamente vinculada à polêmica com Jung, pareceu ameaçadora aos discípulos de Freud, por sinalizar uma perigosa perda de equilíbrio da primeira teoria das pulsões. Com efeito, se o Eu está libidinizado, tomado pela sexualidade, só com certo malabarismo se

poderia supô-lo sede das pulsões de autoconservação, pólo oposto — e repressor da sexualidade — no conflito psíquico como postulada nesses primeiros tempos. (págs. 256 a 258.)

Da mesma índole são as páginas relativas à pulsão de morte, onde a autora retrata a dramaticidade do período histórico entre guerras, os dolorosos percalços na vida de Freud, as reiteradas observações clínicas que mostravam não ser o Ego redutível à consciência, a generosa participação das moções agressivas no devir psíquico, todos elementos que tiveram seu peso relativo na profunda reformulação que culmina na segunda teoria do psiquismo e do conflito pulsional. (págs. 271 a 279)

Conforme dermos mais ou menos peso a este ou aquele elemento desse apanhado, teremos como resultado provável concepções diferentes sobre a pulsão de morte e sobre a teoria da cura. Mas o valor deste texto radica precisamente em colocar todos estes níveis em evidência, furtando-se a autora a privilegiar sua visão particular sobre o assunto, e preferindo em troca alinhar sucintamente as razões que poderão ajudar o leitor a pensar por si próprio.

.....

Os capítulos 21 e 22, especialmente saborosos, são dedicados às relações de Freud com a literatura e a arte. Campos estes onde M. Robert é especialista ⁽¹⁾. Estes capítulos constituem um dos pontos altos do livro. Passemos a ela a palavra:

"Dissemos que os escritos de Freud sobre literatura são inspirados em parte pela mesma necessidade de conhecimento de si próprio que está na origem da **Interpretação dos Sonhos** e dá às principais peças de sua obra a tonalidade de uma confissão discre-

ta. O que atrai Freud na **Gradiva** de Jensen é, evidentemente, o trecho onírico da novela, mas também, mais secretamente, a análise que nela lhe é possível fazer de sua própria paixão pela arqueologia e pelo passado. Se escolheu na autobiografia de Goethe a anedota infantil da destruição da baixela, foi porque havia entre a infância de Goethe e a sua profundas analogias: também ele desejara a morte de um irmãozinho recém-nascido, também ele tinha sido mimado a ponto de conservar toda a vida a condição de favorito perante o amor materno. E, se o tema dos **Três Cofrezinhas** o atrai mais do que qualquer outro dos inumeráveis pretextos de reflexão que é possível encontrar em Shakespeare, isto resulta menos de razões teóricas do que da descoberta de uma singular correspondência com os seus sentimentos íntimos.

(...)

O mesmo acontece com suas obras sobre arte, que não refletem apenas o interesse teórico do psicólogo... Ao escrever sobre Leonardo da Vinci, Freud fala ainda a meia-voz de si próprio, confia ao leitor a insaciável curiosidade intelectual que tinha em comum com o pintor... (...) Do mesmo modo, o que o fascina na figura lendária do **Moisés** de Michelangelo é o debate, que bem conhece, entre violentas paixões opostas, o modo como o herói, apaixonado e dominador como ele, vence as suas tempestades interiores por efeito da simples disciplina do pensamento." (págs. 231-232)

Nesta abordagem, M. Robert interroga a obra de Freud a partir de algumas intuições básicas da

psicanálise: que o inconsciente "trabalha" e informa de diferentes maneiras toda produção espiritual. Tanto a obra de arte quanto as teorias, o criador e o crítico, o construtor da teoria e seu exegeta.

Isto pode parecer evidente por si mesmo. Mas, como toda interpretação psicanalítica, precisa ser trabalhada com mesura e cuidado. Por um lado, foram sempre interpretações "selvagens" dos motivos ocultos de Freud a forma que mais freqüentemente tomaram as tentativas de rejeitar ou mutilar sumariamente sua descoberta escandalosa. E — por outro lado — acaba sendo falaz também uma atitude oposta porém complementar: a de olhar o texto freudiano como uma verdade revelada e estabelecida de uma vez para sempre, pretendendo ignorar suas contradições e descaminhos ou alimentar a quimera de um Freud perfeitamente transparente, univocamente formulado e todo de acordo com nossas preferências teóricas atuais. Destas duas ciladas, o livro de Marthe Robert escapa com segurança.

.....

Lançado na França em 1964, este livro fez parte daquela fecunda efervescência nas ciências humanas e sociais que ocupou as décadas de 60 e 70, presenciou o apogeu do ciclo estruturalista e motivou uma fase de rico desenvolvimento na psicanálise francesa.

Tempos de expansão da psicanálise não apenas enquanto atividade terapêutica, mas como disciplina chamada a manifestar seu ponto de vista e dar sua contribuição nos mais vastos setores da vida cultural e social. Tempos de polêmica com marxismo e existencialismo; de parcerias e atritos com a antropologia, a lingüística e a filosofia; tempos também de difícil acareamento com as barricadas

de 68 em Paris. **A Revolução Psicanalítica**, veiculado primeiramente num meio de comunicação de massas, é por si mesmo testemunha desta extraordinária difusão do pensamento freudiano.⁽²⁾

Perpassa este fértil e conturbado período a discussão sobre o "retorno a Freud". Expressão cunhada por Lacan, à época pólo maior de irradiação desse renovado interesse pelas descobertas freudianas, serviu para denominar esse movimento de releitura e cuidadosa exegese que tantos frutos produziu. Mas foi também utilizada, num contexto de acirrada radicalização, como palavra de ordem, slogan demarcatório de posições na luta por poder e prestígio dentro das instituições psicanalíticas. Não surpreende então que tenha sido objeto de violentas críticas, entre outras a realizada pela própria M. Robert num artigo contemporâneo.⁽³⁾

Olhando retrospectivamente para esse período, já em certa perspectiva histórica, fica claro que houve **diversos** "retornos". Tanto se pensarmos no Freud que se resgatou e nas montagens teóricas que se fizeram logo a seguir, como no tocante ao caminho e os meios utilizados no percurso. Temos hoje uma situação mais rica e contraditória que o singular da palavra "retorno" poderia fazer pensar. Bastará mencionar que são contemporâneos da aparição deste livro o começo da dispersão do movimento lacaniano inicial e o abandono dessa escola por alguns dos expoentes mais característicos da psicanálise francesa atual: Laplanche, Pontalis, Ledaire e pouco depois Piera Aulagnier, Valabrega, Rosolato, etc. Como escreverá o primeiro vinte anos depois: "Ao efetuarmos, à nossa maneira, um "retorno a Freud",

indicávamos a nossa recusa em adquirir uma passagem de ida sem volta na direção de Lacan. Mas, paralelamente, permanecemos um tanto amarrados pela preocupação de estabelecer uma continuidade entre Freud e ele".⁽⁴⁾ Lembremos ainda o papel desempenhado nesta retomada do estudo da obra freudiana de nomes que, como Green, Viderman ou C. Stein, não fizeram oficialmente parte da instituição lacaniana.

No nosso país, e com nossas particularidades, o meio psicanalítico foi e é atravessado por determinações semelhantes. O interesse na obra de Freud e seus desenvolvimentos permaneceu na ordem do dia, e ganha impulso em nossos setores psicanalíticos, na universidade e em áreas vizinhas como a literatura e a filosofia. Neste cenário, **A Revolução Psicanalítica** aparece em momento oportuno e será certamente de utilidade.

Ruben Abel Trucco. Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Resenha do livro *A Revolução Psicanalítica*, de Marthe Robert. Editora Perspectiva, 1992

Notas

1. — Crítica literária e germanista, M. Robert publicou diversos livros nesta área. Entre eles, *L'ancien et le nouveau, Franz Kafka, Roman des origines et origines du roman*, etc. No Brasil há edição pela Ed. Imago, 1990, do livro *De Édipo a Moisés, Freud e a consciência judaica*.

2. — Cf. *História da Psicanálise na França*, Vol. 2, de Elisabeth Roudinesco, Jorge Zahar Editor. Cap. I da Terceira Parte, pág. 395 e ss.

3. — "Porqué Freud"?, in *Interpretación freudiana y psicoanálisis*, Editorial Paidós, Buenos Aires. p. 48 a 55.

4. — *Fantasia originária, fantasia dos origens, origens da fantasia*, J. Laplanche e J.B. Pontalis, Jorge Zahar Editor.